

Literatura e loucura: algumas observações e enleios a partir de *La cabeza de Goliat*

41

Miguel Angel Schmitt Rodriguez¹**Resumo:**

O presente artigo procura estabelecer algumas reflexões sobre a preocupação que a loucura desperta nas esferas do poder político, em um contexto de biopolítica, e a força que o exercício literário guarda como foco de resistência aos procedimentos que, justamente, procuram operar e restringir a dimensão plural do ser.

Palavras-chave: Martínez Estrada. Cidade. Loucura. Literatura.

Resumen:

En el presente trabajo se busca establecer algunas reflexiones acerca de la preocupación que la locura despierta en las esferas del poder político, en un contexto de biopolítica, y la fuerza que el ejercicio literario guarda como foco de resistencia a los procedimientos que, precisamente, buscan operar y restringir la dimensión plural del ser.

Palabras clave: Martínez Estrada. Ciudad. Locura. Literatura.

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista do CNPq. Membro do Núcleo Juan Carlos Onetti de estudos literários latino-americanos – UFSC.

Em um dos textos ensaísticos de *La cabeza de Goliath*, livro publicado em 1940 onde Ezequiel Martínez Estrada traçou um caleidoscópio de imagens sobre a capital argentina, encontramos uma sentença lapidar que, remontando às reflexões de Freud sobre o “papel da sexualidade na etiologia das neuroses” (FREUD, 2016, p. 120), postulava: “toda grande ciudad es una neuroses de angustia por actos sexuales fallidos” (MARTÍNEZ ESTRADA, 1970, p. 145). Tal qual o aparecimento dos distúrbios psicológicos que se manifestariam no desenvolvimento do indivíduo, também a cidade, como exemplar do processo civilizatório, sofre e se constitui como uma neurose pela insatisfação dos impulsos libidinais dos seus habitantes. Como se sabe, a noção de que uma repressão das pulsões eróticas se desencadeia no percurso da constituição da organização social foi um dos temas abordados por Freud em seu famoso escrito “O mal-estar na civilização”. Quase ao final do ensaio apresenta-se a questão fatídica:

Se a evolução cultural tem tamanha similitude com a do indivíduo e trabalha com os mesmos recursos, não seria justificado o diagnóstico de que muitas culturas – ou épocas culturais, ou possivelmente toda a humanidade – tornaram-se “neuróticas” por influência dos esforços culturais? (FREUD, 2010, p. 120)

O que o fundador da psicanálise parece sugerir é que o processo civilizatório carrega consigo uma necessidade de repressão dos excessos e desejos inerentes aos indivíduos. Essa repressão, por sua vez, desencadeia uma situação de neurose e infelicidade. É esse raciocínio que faz com que Martínez Estrada postule ser toda grande cidade uma neurose de angústia. Ao notar que a etimologia da palavra angústia conduz à noção de estreitamento, restrição e sufocamento (CUNHA, 2010, p. 41), se chega ao paradoxo instalado: na ânsia por estabelecer os limites, e suprimir os excessos que estariam além da razão destinada a efetivar as bases sociais, cria-se um estado de neurose; na incessante busca pela saúde perfeita se gera um estado patológico.

Por outro lado, Michel Foucault nos mostrou como na organização dos Estados modernos se efetivaram mecanismos de controle e disciplinamento por meio dos mais diversos dispositivos. Sobretudo, especial atenção dedicou à investigação do surgimento da ciência psiquiátrica para o diagnóstico e exame da loucura. Os cursos dos anos 1973-1974 e 1974-1975 no “Collège de France”

foram inteiramente dedicados a esse problema. Em “O poder psiquiátrico” temos uma exposição detalhada da constituição desse campo de saber que se efetiva pela manifestação da força exercida pelas técnicas que buscam controlar os desvios vistos como entrave para o desenvolvimento das forças econômicas. Assim, os sistemas disciplinares surgidos no decorrer do século XVIII e XIX tiveram por função cuidar daquilo que se apresentava como ameaça ao processo que visa a expansão e o desenvolvimento do capital. Foucault evidencia, dessa forma, a “assimilação entre os delinquentes como resíduos da sociedade, os povos colonizados como resíduos da história, os loucos como resíduos da humanidade em geral [...] que não se pode converter, civilizar” (FOUCAULT, 2006, p. 136). Em “Os anormais” chega ao entendimento de que a psiquiatria, no final do século XIX, ocupa uma função de proteção e de ordem recebendo um “papel de defesa social generalizada”, passando a se constituir, portanto, como “ciência da proteção biológica da espécie” (FOUCAULT, 2001, p. 402).

Poucos meses antes de iniciar o curso sobre “O poder psiquiátrico”, no mês de junho de 1973, em visita ao Brasil, o pensador francês resumia o que as pesquisas nesse campo tinham lhe revelado:

Com o final do absolutismo, o poder começou a ser exercido por meio da intervenção de um certo saber governamental, que abarca os conhecimentos dos processos econômicos, sociais e demográficos. Assim, o poder começa a se ligar ao conhecimento. As ciências políticas, econômicas, humanas passam por um verdadeiro renascimento, pois os dirigentes sabem que não se pode governar sem um saber. A qualidade do saber qualifica o governo. Durante o século XIX e a primeira metade do século XX, o saber político devia ser obrigatoriamente associado ao desenvolvimento econômico, suscitando a sua decolagem. Ao longo dos anos, viu-se que o desenvolvimento econômico produz também efeitos negativos na vida dos indivíduos, de modo que a sabedoria do poder reside agora na correção constante dos efeitos produzidos por esse desenvolvimento.

Hoje, o mundo está evoluindo rumo a um modelo hospitalar, e o governo adquire uma função terapêutica. A função dos dirigentes é adaptar os indivíduos aos processos de desenvolvimento, segundo uma verdadeira ortopedia social. (FOUCAULT, 2011, p. 307)

Por meio das conclusões do pensador francês vemos se desenhar aquela dinâmica apontada no início do século XX por Freud. No entanto, agora se esclarece quais as formas e os mecanismos que foram sendo colocados em prática para a realização dessa situação, ficando evidente que os campos de saber são dispositivos que atuam, para além dos avanços na obtenção das verdades, no condicionamento de políticas de ajustes e controle social. As assertivas do pensador podem parecer simples exagerações metafóricas, mas observadas com atenção bem podem nos apresentar uma interpretação bastante coerente sobre a realidade política contemporânea. Senão, vejamos:

O mundo é um grande hospício, onde os governantes são os psicólogos e o povo, os pacientes. E, a cada dia que passa, o papel desempenhado pelos criminologistas, pelos psiquiatras e todos os que estudam o comportamento mental do homem torna-se cada vez maior. Razão pela qual o poder político está em vias de adquirir uma nova função: a função terapêutica. (FOUCAULT, 2011, p. 308)

José María Ramos Mejía, importante figura pública na Argentina de finais do século XIX e início do século XX, é um personagem exemplar que demonstra que o tema da loucura também aguçou a preocupação dos segmentos da medicina social nos países que, de uma ou outra maneira, são herdeiros das tradições políticas, culturais e econômicas da Europa. Sua obra *La locura en la historia*, publicada em 1895, atesta o que Foucault a partir da sua *História da loucura* tratou de dar ênfase, ou seja, que os dispositivos de poder desde os campos do saber científico trataram, a partir do final do Antigo Regime, de estabelecer práticas de controle dos sujeitos desviantes do ritmo e da ordem da produção econômica que passaria a reger as sociedades ocidentais desde então. Ramos Mejía, eleito deputado em 1880 e que em 1887 seria responsável pela criação do “Departamento Nacional de Higiene”, evidenciava a sua preocupação, como estudioso das chamadas “doenças mentais”, em relação à importância do conhecimento eficaz que permitiria reconhecer e classificar os sujeitos transviados. Assim, lê-se nas primeiras páginas de sua obra:

Es preciso saber escudriñar los meandros tan complicados del cerebro enfermo, saber interrogar en la penumbra sus secretos y adquirir el sentimiento del conjunto nosográfico que nos permite dominar el asunto para no dejarnos sorprender por sus aparentes contradicciones, chocantes, por cierto, algunas veces. (RAMOS MEJÍA, 1895, pp.3-4)

E mais adiante:

Un alienado es un problema que se presenta rodeado de imponentes dificultades, con las cifras borroneadas y los signos confusos de unos de esos viejos hallazgos arqueológicos: hay que hacer, a veces, verdaderos prodigios de interpretación, para llegar en semejantes *palimpsestos* morales a encontrar los resultados aritméticos de un diagnóstico medianamente fundado. (RAMOS MEJÍA, 1895, p.6)

O fenômeno da alienação, portanto, deveria ser objeto de atenção de uma ciência que supere as dificuldades interpretativas de cifras apagadas, manchadas como letras de um texto obscuro de palimpsesto. O objetivo seria o de encontrar os resultados dentro de uma ordem aritmética para dar a conhecer o caso, colocando-o sobre um fundamento. O que se espera é fixar os contornos desse fenômeno fugidio, de difícil apreensão, pois o que não é identificado, classificado e delimitado, pode ameaçar as estabilidades da normatividade de uma concepção racionalista e calculadora dos fenômenos que se estabelece como primordial para o domínio e a exploração ilimitada da produção econômica. Pois, a preocupação com a loucura, podemos pensar, insere-se num campo de poder político que busca incessantemente manter certa homeostase das forças produtivas.

A literatura, ou a escritura poética, anda, por sua vez, num flerte constante com essas condições que escapam ao mundo normatizado da razão e do cálculo utilitarista. Em efeito, Georges Bataille assinalou, em famoso ensaio, que o termo poesia “pode ser considerado como sinônimo de dispêndio” (BATAILLE, 2016, p. 23). A criação poética se daria sempre por meio de uma perda. E esse sentido de perda, de desperdício, é aquilo que a interpretação utilitarista dos governos não pode aceitar e que se manifesta de forma evidente no universo da loucura.

A escrita literária, o universo em que o pensamento e a palavra se fundem, e onde o mundo não preexiste anterior ao olhar, faz com que realidades novas se apresentem frente ao tom cinza dos dias e da vida ordinária. Retomemos Martínez Estrada e sua *Cabeza de Goliath* para nos surpreendermos com uma das tantas aporias que esse hábil escritor de ensaios poéticos nos apresenta, e assim percebermos a força que

se revela por tal procedimento. Temos ali, no antepenúltimo texto que encerra o livro, um elogio ao sujeito rejeitado pela ordem produtiva das cidades. Ao citar o escritor romeno Panait Istrati, afirma o ensaísta argentino que o vagabundo temperamental é o homem civilizado da existência pura:

Ellos son los hombres desconocidos a quienes nadie saluda. Son los que aceptan sin rencor su anonimato, y que saben bien qué es la soledad y la vida que cabalga en la muerte. Mientras muchedumbres enteras (aquellos que levantan las manos en las fotografías o se empinan para salir a plena faz) se desviven por atraer la atención, estos se apartan de todos, orgullosos siempre de su absoluta anulación (porque el orgullo es una cuestión de glándulas y no de situación social). Viven conformes con la esterilidad total, cuyos profetas fueron Onán y Diógenes. (MARTÍNEZ ESTRADA, 1970, p.217)

Este pequeno texto de Martínez Estrada, que ocupa uma página de sua *microscopía*, fala da condição dos homens que vivem na margem, que dormem nas ruas, que se alimentam dos restos encontrados em lixeiras, mas que de forma paradoxal são orgulhosos de sua absoluta anulação, distinguindo-se daqueles que se encontram na multidão de vaidosos que sempre procuram formas de atrair a atenção. Um ensaio de matiz sociológica dificilmente nos traria esse paradoxo; é na percepção do escritor com sensibilidade poética que se pode desvelar esse caráter um tanto quanto estoico desses personagens que mesmo na miséria material guardariam uma fortaleza de espírito. É isso que escapa das formas puramente racionais de compreensão que, no entanto, sempre almejam capturar esses elementos improdutivos para que não entrem no ritmo dos rendimentos. Por certo, vale notar que Martínez Estrada destaca o caráter estéril e a linhagem que esses sujeitos teriam com Onán e Diógenes; o primeiro: personagem bíblico que desperdiçava seu sêmen na prática do coito interrompido para não dar descendência; e o segundo: filósofo da antiguidade grega que preservava a liberdade através da prática da autossuficiência. Ou seja, sujeitos que trazem consigo a imagem de afronta à lógica do acúmulo e da utilidade.

A literatura, enquanto forma de pensar e construir imagens, pode ser assim compreendida como um espaço de delírio, já que com a imaginação poética se traçam linhas que fogem dos sulcos preestabelecidos pela gramática normativa. O exercício literário seria, nesse ponto de vista, um esforço constante de figuração, e

se assemelharia à atividade do historiador da arte que, conforme Georges Didi-Huberman, se empenha buscando compreender imagens configuradas por uma expansão líquida ou aérea, como nuvens sem contornos, que só se deixariam adivinhar parcialmente (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 11).

Podemos pensar que enquanto a atividade do psiquiatra tem por intenção diagnosticar, classificar e identificar aquilo que por natureza escapa, a atividade do crítico que percorre os campos da sensibilidade própria da literatura trabalha sempre na intenção de abrir o escopo e pela abertura desvelar novas superfícies. Se Ramos Mejía queria encontrar no estudo das doenças mentais os “resultados aritméticos de um diagnóstico medianamente fundado”, o que envolve a criação literária estaria mais próximo daqueles processos de desterritorialização, tão caros às reflexões de Deleuze e Guattari. Este último, psicanalista heterodoxo, em *As três ecologias* assinalava:

Insistindo nos paradigmas estéticos, gostaria de sublinhar que, especialmente no registro das práticas “psi”, tudo deveria ser sempre reinventado, retomado do zero, do contrário os processos se congelam numa mortífera repetição. A condição prévia a todo novo impulso da análise – por exemplo, a esquizoanálise – consiste em admitir que, em geral, e por pouco que nos apliquemos a trabalha-los, os Agenciamentos subjetivos individuais e coletivos são potencialmente capazes de se desenvolver e proliferar longe de seus equilíbrios ordinários. Suas cartografias analíticas transbordam pois, por essência, os Territórios existenciais aos quais são ligadas. Com tais cartografias deveria suceder como na pintura ou na literatura, domínios no seio dos quais cada desempenho concreto tem a vocação de evoluir, inovar, inaugurar aberturas prospectivas, sem que seus autores possam se fazer valer de fundamentos teóricos assegurados pela autoridade de um grupo, de uma escola, de um conservatório ou de uma academia... *Work in progress!* Fim dos catecismos psicanalíticos, comportamentalistas ou sistematistas. (GUATTARI, 1991, p.22)

A preocupação do psicanalista era, como se pode notar, a de abrir os campos da análise e evitar justamente aquilo que pretende a investigação dos profissionais “psi” que tratam de estabelecer identidades e traçar os contornos territoriais das subjetividades. É significativo que Guattari tenha se referido a literatura como um campo que desempenha a vocação de “inaugurar aberturas prospectivas”. O espaço literário é o meio que possibilita, portanto, repensar antigas certezas, verdades cristalizadas, dogmas, e abrir, então, perspectivas.

Em um dos ensaios mais emblemáticos de *La cabeza de Goliat*, intitulado “En la trampa”, Martínez Estrada faz uma série de reflexões que levam o leitor a se questionar até que ponto a cidade não se configura como uma sorte de prisão. O discurso é repleto de enunciados mordazes que parecem querer desestabilizar as garantias de conquista da civilização ocidental. Assim lemos:

Gracias a las ciudades la humanidad ha podido seguir existiendo, como gracias a las cárceles se vive en relativa tranquilidad. Por lo menos se confía en que en las cárceles están los criminales y en los manicomios los locos. Suelto, en una vida libre, en la de la Edad del Bronce, por ejemplo, el ulterior zoo político habría necesitado apelar a formas de violencia inauditas. Habría atentado contra la especie, mientras que con la formación de las ciudades solo atenta contra las poblaciones. (MARTÍNEZ ESTRADA, 1970, p.40)

Se a primeira oração pareceria fazer uma defesa da importância das cidades, logo na oração que completa o período vemos a ironia que diminui o mérito. As cidades têm a sua importância por manter certa estabilidade nas pulsões e permitir a continuidade da espécie, mas isso revela também que elas configuram um mecanismo de controle, e sua importância se assemelha a necessidade dos presídios para a manutenção da tranquilidade. Vemos, portanto, de forma sutil, a aparição daquela ideia do início, que afirmava que toda grande cidade era uma neurose de angústia desencadeada por um mecanismo repressivo. Mas a provocação, com relação à importância das cidades, continua quando vemos que, em verdade, se desconfia de que nas prisões estejam os criminosos e nos manicômios os loucos, por isso a observação: “Por lo menos se confía en que en las cárceles están los criminales y en los manicomios los locos”. Ou seja, Martínez Estrada dá um nó no leitor e acaba por sugerir que os loucos e os criminosos estão também em meio a sociedade. E ao dizer que se não fosse a formação das cidades o homem teria atentado contra a espécie, ao passo de que agora ele “somente” atenta contra as populações, o ensaísta faz perceber que a civilização pode ser também uma forma de barbárie.

São esses deslocamentos nos processos que operam o pensamento que, como vimos antes, fazem com que se abram perspectivas que redirecionam os problemas e nos apresentam um desafio de outra dimensão. Vemos, dessa maneira, que a racionalização

e tecnificação da vida promovidas em nome do avanço civilizatório possuem uma tendência de aprisionamento que, precisamente, se revela pelo disparate poético, por meio das contradições e ambivalências de um pensamento que não se ressent, nem teme, a loucura.

Para encerrar essa reflexão que procurou traçar algumas considerações sobre o tema da loucura e da literatura, atentemos para uma advertência que Paul Groussac apontou na introdução crítica que fez da obra de Ramos Mejía sobre *La locura en la Historia*:

Enfermos más o menos graves, lo fueron y lo somos todos, desde que bajamos la pendiente de la vida, y aún antes si el examen fuere prolijo. Y lo que decimos del organismo general, es evidentemente cierto del centro donde todas las funciones, todos los actos de la vida repercuten. Las llamadas ‘fronteras de la locura’ no existen [...] el despoblado de la locura parcial es campo vago que todos invadimos sin sospecharlo, en horas de inconsciencia o arrebatos pasionales. (GROUSSAC, 1895, p.LIII)

Dez anos antes de tecer essa observação Paul Groussac tinha assumido o cargo de diretor da Biblioteca Nacional da Argentina, cargo que ocuparia até o final de sua vida. Martínez Estrada, também em *La cabeza de Goliath*, observou:

Paul Groussac dirigió esa Biblioteca durante sustanciosas décadas, y allí pudo obtener documentos y textos para su valiosísima obra, sin necesidad de expurgar los estantes ni de examinarle la cabeza a los lectores. No solo fue el Director, sino el más asiduo lector... (MARTÍNEZ ESTRADA, 1970, p.174)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATAILLE, Georges. *A parte maldita – precedida de “A noção de dispêndio”*. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CUNHA, Geraldo Antônio da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da imagem*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora, 34, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina*. Tradução: Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. *O poder psiquiátrico - curso dado no Collège de France (1973-1974)*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Os anormais - curso no Collège de France (1974-1975)*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 120.

_____. *Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GROUSSAC, Paul. Introducción. In: RAMOS MEJÍA, José María. *La locura en la historia: contribución al estudio psico-patológico del fanatismo religioso y sus persecuciones*. Buenos Aires: Felix Lajouane, 1895.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução: Maria Cristina Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1991.

MARTÍNEZ ESTRADA, Ezequiel. *La cabeza de Goliat: microscopía de Buenos Aires*. Madrid: Revista de Occidente, 1970.

RAMOS MEJÍA, José María. *La locura en la historia: contribución al estudio psico-patológico del fanatismo religioso y sus persecuciones*. Buenos Aires: Felix Lajouane, 1895.